



Marisa d'Arce, 54, assumiu a vice-diretoria da Esalq em maio deste ano

Se a pergunta é se algum dia sonhei estar aqui, a resposta é não

## Nome: Marisa d'Arce Esalq/USP

luri Botão  
 luri@jornal.com.br

**A** primeira mulher na diretoria da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) valoriza, ao mesmo tempo, o local e o global. Marisa Aparecida Bismara Regitano d'Arce, 54, vice-diretora da instituição desde maio, se orgulha de ser esalqueana e de ter construído aqui a carreira profissional, e luta pela internacionalização cada vez maior da escola. Com muito bom humor, a agrônoma recebeu o **Jornal de Piracicaba** no prédio central da Esalq para falar sobre a trajetória na instituição, que já completa 36 anos, e os desafios que espera ao longo dos próximos quatro anos na diretoria. Leia trechos da entrevista:

**Você está na Esalq há quanto tempo?**

Na verdade entrei em 1975, para a graduação em engenharia agrônoma. Como funcionária fui em 1981.

**Então continuou na carreira acadêmica?**

A minha trajetória, e o que veio depois da graduação, tem a ver com o fato de eu ter ganhado uma bolsa para passar um ano na Dinamarca, como estudante, durante a graduação. Isso fez com que a minha formatura tenha ocorrido só em 1979, diferente da minha turma, que se formou em 1978. Naquela época ainda não tinha aproveitamento de estudos como tem hoje em dia. Passei um ano estudando em uma escola de agricultura, fazendo matérias principalmente da área de química e de análises, e aí voltei e me formei, em 1979, como engenheira agrônoma.

**O mestrado foi aqui também?**

Fiz mestrado aqui, de 1982 a 1985, e depois doutorado de 1986 a 1991, na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP (Universidade de São Paulo). Entrei na Esalq como funcionária em 1981, e sempre de aula de inglês. Então, depois que eu me formei, já estava casada, continuei trabalhando como professora de inglês, e depois vim para cá, contratada como auxiliar de ensino. Eu era praticamente recém-formada.

**Depois se tornou professora aqui?**

Eu já era, porque quando fui contratada o título era auxiliar de ensino, o que hoje em dia não existe mais, ninguém é contratado como auxiliar de ensino recém-formado, todo mundo é contratado no mínimo com título de mestre.

**As comissões internacionais em que você trabalhou têm a ver com a experiência da graduação também?**

São várias coisas que me ajudaram na vida. O conhecimento da língua inglesa me favoreceu já na candidatura à bolsa que eu tive na Dinamarca. O fato de eu ter vivido no exterior, a experiência como estudante, fez com que eu recebesse vários alunos para a Esalq, e não só para o meu departamento. Alguns que ficaram com vários colegas trabalhando e tiveram uma experiência riquíssima.

**Então você já ajudava antes de formalizar essa relação?**

Essa afinidade está no meu perfil profissional. Eu gosto de receber estrangeiros, acho que é sempre uma oportunidade de a gente mostrar a escola. Em 2006, quando a professora Sueli Vilela (ex-reitora da USP) começou, eu estava como presidente da Comissão de Atividades Internacionais da Esalq, e fui ser vice-presidente da comissão e depois convidada para assumir a presidência, onde fiquei de julho de 2007 até março de 2009. Isso foi ótimo porque eu fui trabalhar nas relações internacionais para a USP toda, uma experiência incrível, fantástica.

**Sua maneira de falar da Esalq dá a entender que é muito mais do que o lugar onde estudou, onde trabalha...**

Eu costumo dizer que o sobrenome dos esalqueanos é Esalq/USP (risos). Eu acredito que as pessoas que trabalham aqui amem a Esalq, tenham muito orgulho dela. Nós somos reconhecidos como bons anfitriões, somos muito hospitaleiros adoramos mostrar o que temos aqui.

**Você foi representar essa fama da Esalq na USP como um todo?**

**'Eu não consigo fugir de sonhar em ter uma Esalq mais internacionalizada'**

Isso foi uma marca, realmente. E foi bom porque a reitora era do campus de Ribeirão Preto, também tinha esse hábito do interior de receptividade. Durante a gestão dela a USP como um todo, e não só as escolas que já eram internacionalizadas, despertou para a importância de ter essa visibilidade no exterior.

**Qual a importância disso para os alunos?**

Na hora que a escola se projeta, carrega quem está junto. Vão

sonhar em estudar fora com isenção de taxas, e hoje em dia quando se fala em convênio a gente já sonha mais alto, pensa em duplo diploma.

**Os outros cursos já têm a mesma importância da engenharia agrônoma dentro da Esalq?**

Eu acho que hoje a gente pode dizer que todos estão consolidados. Se é isso que você quis dizer, sim. Eles estão formando profissionais que estão conseguindo posições de destaque. Nós tínhamos a engenharia agrônoma e florestal, já bastante estabelecidas, que eram os carros-chefes. Em 1998, 1999, foi criado ciências econômicas; 2001, ciências dos alimentos; 2002, gestão ambiental e ciências biológicas. Então todos esses cursos, mesmo os relativamente novos, já têm cinco ou seis turmas formadas e seu nicho no mercado, inclusive a carreira de bacharel em ciências dos alimentos, que não exista.

**É inevitável falar de você ser a primeira vice-diretora...**

Primeira mulher na diretoria, sim (risos)...

**Já era esperado?**

Se a pergunta é se algum dia sonhei estar aqui, a resposta é não (risos). Nunca vislumbrei a possibilidade de estar num cargo como esse de direção. O acúmulo da minha experiência administrativa foi me dando a visibilidade suficiente para que as pessoas apostassem em mim, experiências que foram balizando o meu caminho. Na verdade, foram muito mais os colegas e amigos que me incentivaram do que eu mesma pensar que teria uma chance. Isso me levou a me colocar à disposição para contribuir com a gestão do professor Caixeta (José Vicente Caixeta Filho, diretor da Esalq).

**O trabalho em sala de aula, a pesquisa, não concorrem com esse trabalho administrativo?**

Tem professores que realmente não têm afinidade,

porque não temos preparo para isso. Temos treinamento para ser pesquisadores e professores. Imagine, desde 1981 eu dou aula, são 30 anos! Eu e o professor Caixeta compartilhamos desse ideal de nunca nos afastar da sala de aula, do contato com essa comunidade jovem. É o que nos mantém atualizados e nos coloca em contato com os anseios da juventude, que é o nosso público. Mas você sacrifica uma parte do tempo que dedicaria à pesquisa, realmente. E tem que aprender legislação, política de gestão.

**Com uma gestão pela frente, qual seria sua bandeira?**

Entre para compartilhar do projeto de gestão do professor Caixeta. Um dos pilares é tornar os processos mais ágeis, um desafio administrativo. O outro, e não pode deixar de ser, até pela minha vivência, é oferecer oportunidades para os alunos, tanto no exterior como no Brasil, de estágios e experiências profissionais. Tem a estrutura do campus, que precisamos manter e, se possível, modernizar. Quando a gente trabalha em função da comunidade acaba fortalecendo os três pilares da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão.

**Que seria a contrapartida social.**

Exatamente, devolver à comunidade aquilo que foi desenvolvido graças aos impostos recolhidos. Não tem tanto que fugir disso, e a cada gestão só varia o perfil de quem está aqui. Cada um vem com um sonho e uma expectativa muito boa, de deixar um legado e contribuir para que a Esalq continue sendo o que sempre foi.

**E qual será o seu legado, o seu sonho?**

Eu não consigo fugir de sonhar em ter uma Esalq mais internacionalizada. Porque é a minha experiência, morar fora durante a graduação para mim foi determinante e foi como um trampolim para várias oportunidades. Se ao cabo de quatro anos eu conseguir deixar um rol de oportunidades para os nossos alunos de todos os cursos isso vai me deixar muito orgulhosa! Também quero que dentro daquele projeto de gestão do Caixeta a gente vá "ticando"... "esse já foi, esse já foi", e de repente possa ter mais um ano e dizer "nossa, o que mais a gente pode fazer?" (risos).



ERASMO